



A CONTEMPORANEIDADE DAS CONTRADIÇÕES HUMANAS SOB A NARRATIVA ESTETICAMENTE IRÔNICA DE MACHADO DE ASSIS

PRIMO, Érica Alcântara²
CAMPOS, Adriana J. M³

RESUMO

A Literatura produzida por Machado de Assis foi dotada de recursos estéticos e narrativos muito peculiares, ao mesmo tempo que não a dissociava das preocupações históricas de seu tempo. Por meio da análise da leitura atenta do Conto “Pai Contra Mãe” e de outras obras, juntamente com a leitura de críticos como Duarte (2020) e Schwarz (1997) foi possível entender como a escrita machadiana se efetiva, a maneira pela qual retratava o cenário desumanizador da escravidão que não lhe foi indiferente e as contradições humanas presentes no cotidiano da burguesia carioca. A leitura desses críticos foi fundamental para alcançar resultados em termos do entendimento do contexto histórico-social por que passava a sociedade brasileira do século XIX. Somado a isso, o estudo de Nunes (1998) e Genette (1993) foi decisivo para a compreensão da estrutura narrativa bem como da linguagem e do estilo engendrados por Machado de Assis com a finalidade de registrar provisoriamente como conclusão, a originalidade de sua escrita.

Palavras-chave: Linguagem machadiana; contradições históricas de seu tempo; crítica aguda e visceral da sociedade; narrativa esteticamente irônica.

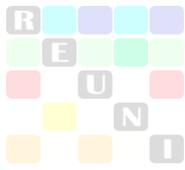
ABSTRACT

The Literature produced by Machado de Assis was endowed with aesthetic and narrative resources that are very peculiar to him, at the same time that he did not dissociate it from the historical concerns of his time. Through the analysis of the careful reading of Conto Pai Contra Mãe and other works by Machado, together with the reading of critics such as Eduardo de Assis Leite and Roberto Schwarz, it was possible to understand how the grandeur of Machado's writing occurred, the way in which it portrayed the scenario dehumanization of Slavery that was not indifferent to it and the human contradictions that guided the Rio bourgeoisie. These writers were important for understanding the historical-social context that Brazilian society was going through in the 19th century. Added to this, the study by Nunes (1998) and Genette (1993) was decisive and fundamental for understanding the narrative structure as well as the language and style created by Machado de Assis in order to analyze the originality of his writing.

Keywords: Machado language; historical contradictions of his time; acute and visceral criticism of society; aesthetically ironic narrative.

² Acadêmica do curso de Letras do Centro Universitário de Jales – UNIJALES. E-mail: ericaprimo@outlook.com.

³ Docente do curso de Letras do Centro Universitário de Jales – UNIJALES. E-mail: adriana.campos@unijales.edu.br



INTRODUÇÃO

Iniciaremos este artigo discorrendo acerca da visão machadiana sobre as grandes questões de seu tempo que ressoam na contemporaneidade como herança cultural e social do Brasil Império.

Nossa pretensão inicial é analisar um conto que representa a fase de maior amadurecimento intelectual e literário do romancista/contista objeto de nosso estudo, que nos permite compreender como a ficção machadiana conseguia dialogar com o contexto histórico-social da sociedade brasileira do século XIX, por meio de sua inigualável habilidade de manejar a palavra escrita e de valer-se do recurso estilístico da ironia “que vai se depurando e amadurecendo até se constituir em uma de suas marcas mais significativas” (Duarte, 2020, p.261), para tecer as mais mordazes críticas à sociedade patriarcal e escravagista da época e que ainda guardam grande relação com o nosso tempo.

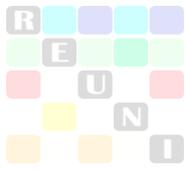
Em um segundo momento, por meio dessa narrativa curta e também da análise de outras obras machadianas, procuramos demonstrar de forma mais detida como se dava a produção literária do Bruxo do Cosme Velho. Percebemos que ele faz uso de técnicas pouco usuais da narrativa, inova ao subverter a ordem cronológica dos acontecimentos, não obedecendo à linearidade da sucessão dos mesmos, além de dar vida a personagens complexos, ambíguos e contraditórios que reproduzem a mesquinhez e o comportamento humanos.

Assim, Machado de Assis produz uma literatura única e de excelência por desenvolver uma maneira muito particular de escrita que lhe confere autenticidade e permite-nos ter a dimensão da profundidade e alcance de sua literatura ao se valer de artifícios dissimuladores que caracterizam sua escrita.

CONTRADIÇÕES HISTÓRICAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Pai contra mãe é um conto escrito por Machado de Assis, sendo publicado em 1906 no livro Relíquias de Casa Velha (Duarte, 2020, p.306), alguns anos, portanto, após a Abolição da Escravatura no Brasil, em 1888. É narrado em 3º pessoa, tendo como cenário a cidade do Rio de Janeiro.

Por meio dessa narrativa, foi-nos desvelado o mundo das relações de poder, de domínio e submissão de uma classe que se encontrava no alvorecer da Abolição, e que, lentamente, foi



responsável pela derrocada do Regime Imperial, tendo em vista que a mão de obra escrava era encarregada de a sustentar. Aqui, encontramos o contista, no auge de sua produção literária, tecendo sua crítica de uma maneira muito mais aguda e visceral do que costumava empregar em seus escritos. Portanto, ao leitor machadiano são apresentadas as impressões mais veementes nutridas pelo romancista como fiel observador de seu tempo e que cuidou de registrar um cenário desumanizador que não lhe foi indiferente.

É certo que o tema da escravidão em seus romances foi tratado sempre como pano de fundo. Machado não criou nenhum forte protagonista negro, nem tampouco o idealizou, muito menos desenvolveu uma atuação mais enérgica em defesa da abolição. Valeu-se de pseudônimos ao publicar suas crônicas nos jornais da época nos quais abordava “os problemas inerentes à escravatura e se colocava ao lado dos que a combatiam” (Duarte, 2020, p.35).

Esse comportamento mais retraído justifica-se pelo fato de que, à época, havia uma tentativa de provar cientificamente a supremacia branca em detrimento da raça negra: “discurso depreciador de negros e mestiços povoa não apenas a ciência da época, mas o senso comum” (Duarte, 2020, p. 263).

Mesmo dentre escritores brasileiros que condenavam a escravidão, como Aluísio Azevedo, em *O Cortiço*, ao dar vida à personagem Rita Baiana, uma mulata que seduz e leva à decadência moral o português Jerônimo, trabalhador e honesto, percebemos o tom depreciativo que pairava no imaginário desse escritor em relação à afrodescendente, responsável por levar seu amante à ruína.

É nesse contexto de rebaixamento agressivo em relação à raça negra, que Machado de Assis, escritor mulato, neto de escravo vai se consolidando como um grande nome da literatura. E se se vale de pseudônimos em suas publicações jornalísticas ao tratar do regime escravagista, é para se proteger do clima opressivo que rondava o seu país, além do que uma postura militante em relação a essa causa iria de encontro ao seu comportamento discreto que o norteou por toda a sua vida, mas nem por isso, pode-se concordar com a ideia de que foi um escritor alienado frente às questões sociais e raciais de seu tempo e de seu país. Pelo contrário, se Machado não elevou os negros à condição de herói em seus romances é porque se preocupou em dar-lhes a mesma visibilidade que tinham na vida social: nenhuma. Eram reduzidos a simples força de trabalho, a mercadoria.

Por outro lado, uma leitura atenta de seus principais romances, sobretudo dos que foram produzidos em sua fase de maior amadurecimento intelectual como *Memórias Póstumas de Brás*



Cubas, revela-nos que seus protagonistas estão longe de possuir um caráter ilibado e condizente com a moral em seu sentido mais genuíno. Muito pelo contrário, são protagonistas brancos, abastados, hipócritas, são anti-heróis como Brás Cubas, que dissimulam suas reais intenções para conquistar o poder ou nele se manter.

Feitas essas considerações iniciais acerca do momento histórico testemunhado por Machado de Assis, passamos a desnudar a forma pela qual nosso contista percebia o regime escravocrata e como conseguiu reproduzi-lo em “Pai contra Mãe”.

É importante destacar que nos anos iniciais da República houve uma tentativa de ocultação desse passado escravagista porque era vergonhosa demais a memória dos desmandos desse regime. Nesse sentido, o ministro Rui Barbosa (Duarte, 2020, p. 306) ordenou que se queimassem os arquivos do tráfico. Assim, Pai contra Mãe surge como uma maneira de registrar as crueldades sofridas pelos afrodescendentes e que Machado, de maneira muito impressionante, cuidou de retratar para que se mantivessem vivos na memória de seus leitores os horrores cometidos nessa época.

Sendo assim, o conto se inicia como um texto jornalístico, mas à medida que as personagens nos são apresentadas, deparamo-nos com o conto propriamente. Não com uma crônica. Há aqui a primeira contradição.

O contista descreve alguns aparelhos usados nos escravos como ferro ao pescoço, ferro ao pé e a máscara de folha de flandres que caíram em desuso com o fim da escravidão e que eram expostos na porta da loja para comercialização. Nesse momento faz-se presente a banalização da violência e da crueldade. Ao descrever a finalidade de cada instrumento de tortura, o uso da máscara tinha por objetivo tapar a boca aos escravos para que não se embriagassem e não furtassem os seus donos, pois era por meio desse pequeno delito que conseguiam “seus vinténs” para sustentar o vício da bebida. Ao fazer uso desse instrumento desumanizador, a ironia revela-se: “...e aí ficavam dois pecados extintos, a sobriedade e a honestidade certas” (Assis, 2020, p.167).

Outra passagem irônica que desnuda o discurso corrosivo de Machado encontra-se no seguinte trecho em que muitas vezes os donos de escravos moderavam suas ações ao aplicarem castigos aos cativos: “[...] e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói”. (Assis, 2020, p.167). Conforme Duarte (2020, p.305) “A violência da dominação racial percorre toda a narrativa”.



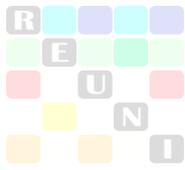
A trama gira em torno do casal Cândido Neves e Clara, bem como da tia de Clara, Mônica que sobrevivem de favores da classe burguesa. Vislumbramos que os nomes Cândido, Neves e Clara remetem à cor branca contrapondo-se à temática da narrativa, além de, como veremos adiante, a conduta de Cândido Neves mostrar-se-á avessa à candura que seu nome aparentemente evidencia. Eis a segunda contradição.

Candinho, nosso protagonista, não consegue fixar-se em nenhum emprego e vislumbra na captura de escravos fujões um meio de vida que acaba por se tornar escasso devido ao maior número de pessoas que também se ocupava do mesmo ofício. Assim, por não conseguir estabelecer-se em outra profissão e por não conseguir assegurar o sustento próprio e de sua família, vive à margem da sociedade (Duarte, 2020, p.308).

Embora fosse um homem livre, sua situação em relação à cativa fugida Arminda, que sofre a sua captura, não era distinta da dela, tendo em vista que ambos faziam parte de uma classe social explorada (Duarte, 2020). Nesse ponto da narrativa, Machado explora temas complexos e sensíveis que em pleno século XXI ainda não foram superados mesmo com a consolidação da República.

O romancista testemunhou momentos muito importantes que aconteceram de maneira muito lenta que foram a Abolição da Escravatura que se deu muito a contragosto da elite e a transição do Império para a República, portanto, sua visão pessimista e desesperançosa em relação a ambos se confirmam por meio desses conflitos vigentes na contemporaneidade, tendo em vista que a maioria esmagadora ainda padece com a violência e a pobreza oriundas desse período da história brasileira. O que podemos perceber é que as origens do capitalismo aí se formam, perpetuando-se na contemporaneidade, sendo-nos desnudadas pela arte literária machadiana que contribui imensamente para a compreensão da atual conjuntura socioeconômica.

Em “Pai contra mãe”, Machado nos informa que havia muitos escravos na cidade do Rio de Janeiro durante o Regime Imperial. No estudo de Souza (2015, p.92) *apud* Soares (2020, p.7), há a seguinte citação: “[...]a cidade do Rio de Janeiro tinha a maior população escrava urbana das Américas. Seus visitantes ficavam impressionados com a “cor negra” da cidade”. A Praia do Valongo recebia navios negreiros no Rio e o desembarque de escravos traficados da África, onde acabou por se estabelecer o maior mercado escravagista do país. Portanto, nesta narrativa deparamo-nos com a coisificação do homem negro. Os escravos eram tidos como mercadoria e se algumas vezes havia certa moderação no trato dos castigos, essa ação se justificava porque cativos equivaliam a dinheiro.



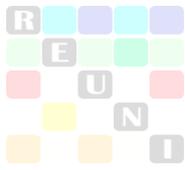
Nesse conto, segundo Duarte (2020, p. 45), “[...] a condição social e humana de africanos e afro-brasileiros emerge de forma explícita e desvela o ponto de vista autoral”. Por meio dessa narrativa, o contista condena a ordem social estabelecida de seu tempo e de seu país e permite-nos dizer que não foi omissivo em relação a ela e que muito precocemente antevia o futuro desses negros libertos. Duarte (2020, p.282) informa-nos que Machado “valeu-se do anonimato e dos pseudônimos, [...] nos momentos adversos, para fazer chegar aos leitores seus argumentos a favor dos cativos. E se valeu dos recursos da ficção para melhor expor nos jornais o grande drama social de seu tempo”.

Contudo, mesmo testemunhando a abolição e a conseqüente transição do Império para a República, Machado não acreditava em mudanças possíveis. Foi plausível perceber por meio dessa narrativa, a preocupação do escritor com essa grande massa de negros recém libertos. Qual seria o seu destino após a abolição? De que meios valer-se-ia para sobreviver? Essas questões puderam ser respondidas por meio da personagem Cândido Neves que, embora fosse um homem livre, por não conseguir prover o sustento próprio e de sua família, vivia à margem da sociedade, como veremos nas linhas abaixo o seu drama social.

O ponto crucial desse enredo se dá com o nascimento do filho do casal Cândido e Clara que agravará ainda mais a situação econômica da família. Pressionado pela tia de Clara, Mônica, Cândido Neves, com resistência, termina por aceitar em deixar o filho na Roda dos Enjeitados. Quando segue para o destino:

[...] o caçador encontra finalmente a sua presa: Arminda, uma mulata fujona, grávida e, coincidentemente, prestes a dar à luz. Arrastada por espaços urbanos que tomam nomes irônicos como os de ‘Rua do Parto’ ou ‘Rua da Ajuda’, a mulher mede forças com seu captor antes de ser devolvida ao cativo, e, ao chegar, perde a criança em função do esforço despendido no trajeto (Duarte, 2020, p.308).

Nesse ponto da narrativa, a grande contradição humana acontece quando Arminda implora por misericórdia “Estou grávida, meu Senhor! Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte” (Assis, 2020, p.175). Cândido Neves, embora fosse amável com sua mulher e nutrisse amor sincero por seu filho e também se encontrasse num momento extremo a ponto de ter que abrir mão de seu filho, foi incapaz de sensibilizar-se com os apelos e sofrimentos de uma mãe. Nesse momento, o título do conto se justifica, pois, o pai, Cândido Neves, não foi cândido com a mãe. Enquanto ele a entrega ao seu senhor e proprietário em troca de pagamento, ela sofre um aborto em virtude da luta que travou e também do medo dos castigos severos que



certamente receberia. Percebemos que as ruas por onde transitam as personagens - rua da ajuda (que ajuda recebe Arminda ao implorar pela vida do filho?) e rua do parto (qual parto? Estamos diante de um aborto!) - também revelam significados contraditórios. Aqui presenciamos a dominação racial e patriarcal de meados do século XIX.

Machado (Assis, p.177) finaliza o conto sem o menor resquício de culpa do nosso protagonista, afinal, “Nem todas as crianças vingam!”. Nesse ponto, essa obra nos convida a refletir acerca da atemporalidade dos textos machadianos, como guarda relação com a contemporaneidade porque nosso romancista, como fiel observador da alma humana, desnuda as mazelas que são próprias da condição do ser humano. Não são fruto de um determinado momento histórico. Assim, clássicos literários, como essa narrativa, adentram a fundo na mesquinhez e sombra humanas, causam desconforto e às almas mais sensíveis incitam as mais profundas reflexões.

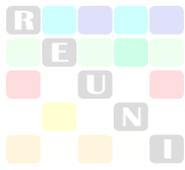
LINGUAGEM MACHADIANA: TÉCNICAS EXPERIMENTADAS

A segunda abordagem apreendida para esse estudo foi a linguagem empregada por Machado em alguns de seus contos, bem como a inversão da ordem narrativa no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, recursos estilísticos de que lança mão para produzir uma Literatura única e de excelência. Bosi (2021, p. 190) destaca que a fase mais realista machadiana, responsável por inaugurar o Realismo no Brasil “abre-se pela riqueza de técnicas experimentadas”

Percebemos, então, na literatura machadiana que “o tempo jamais se reveste da continuidade do tempo real” (Nunes, 1995, pag.25), tendo em vista que o leitor é surpreendido por momentos suspensos, pela subversão da ordem cronológica e por frases interrompidas “[...]Mas não cuidemos de máscaras” (Assis, 2020, pag.167). Há também nessa pequena passagem o recurso da Metalepse, entendida por Genette:

A passagem de um nível narrativo para outro não pode, em princípio, senão ser assegurada pela narração, acto que precisamente consiste em introduzir numa situação, por meio do discurso, o conhecimento de uma outra situação (1993, p.115).

Esse recurso exposto acima potencializa a ironia do contista. Ao pedir que o leitor não pense mais nesses objetos de tortura, está sugerindo o contrário do que preceitua, pois o conto



trata, sim, de máscaras, de uma sociedade patriarcal e escravagista e que os desmandos e horrores da escravidão não podem cair no esquecimento do leitor.

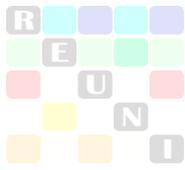
Há um outro conto de Machado de Assis intitulado *A Causa Secreta* que nos apresenta a subversão da ordem cronológica. “A história relaciona os acontecimentos numa ordem cronológica, que o texto respectivo não respeita literalmente” (Nunes, 1995, p.29):

Garcia em pé mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o pé; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente – de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço (Nunes, 1995, p.29).

Nessa narrativa, o trecho acima é a primeira passagem que acontece após o momento mais alto da trama que é a tortura e os personagens estão constrangidos diante do que acontecera. A ordem não é cronológica e o narrador anuncia o que vai ser contado. Aqui, estamos diante do recurso estilístico prolepse, como bem conceitua Genette (1993, p.38): “toda a manobra narrativa consistindo em contar ou evocar de antemão acontecimento ulterior” que constitui uma das formas de anacronia por meio da qual o narrador altera a ordem temporal dos acontecimentos. Essa singular conversão é entendida por Genette como “um dos recursos tradicionais da narração literária” (1993, p. 35).

Ainda sobre a linguagem empregada por Machado de Assis, segundo Nunes (1995, p.55) nosso romancista dribla a fugacidade do tempo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Assis, 2010) em que o autor/narrador conta suas memórias depois de sua morte, ou seja, ousa contá-las de maneira magistral, inovando na literatura nacional. Nesse romance a história é narrada de acordo com a memória da personagem principal Brás Cubas que quebra a linearidade do enredo ao não respeitar o fluxo sequencial dos acontecimentos com começo, meio e fim. Ele subverte essa ordem, ao mesmo tempo, em que, por estar morto, usa a tinta da galhofa, ou seja, ele escreve com ar debochado sem necessidade de aceitação social e assim desvela as verdadeiras intenções de seu meio social.

Outro recurso estilístico utilizado por nosso romancista é a arte da dissimulação, a arte de dizer mas sem dizer, na verdade. Isso pode ser depreendido por meio da passagem que há em *Pai contra mãe* sobre a dificuldade de a personagem principal fixar-se em um emprego que nos abre a possibilidade de não o considerar um homem branco, afinal “Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa[...]; seria um modo de *mudar de pele*[...]. (Assis, 2020, p.167, grifo nosso). Na sutileza



desse pormenor se revela a engenhosidade machadiana. Nada em Machado é gratuito ou sem propósito e ele joga com o leitor.

A partir de sua ficção e de sua habilidade inigualável de manejar a palavra escrita, percebemos que um novo tipo de leitor é criado e estimulado a desenvolver uma postura muito mais crítica e exigente em relação à leitura, muito diferente daquele leitor acostumado a histórias de forte apelo sentimental como as encontradas no Romantismo, movimento que precedeu o Realismo e que causou estranheza aos leitores de sua época. Não havia leitor à altura do nosso escritor. É bem verdade que muito de seus artifícios dissimuladores se deram para ludibriar esse mesmo público leitor que era a elite carioca e para quem Machado tecia as mais mordazes críticas, já que, na segunda metade do século XIX, a maioria da população era analfabeta e rural.

Por todo o estudo empreendido, aproximamo-nos da linguagem machadiana por meio da qual percebemos escolhas conscientes de recursos estilísticos realizadas por meio de um processo que quase sempre não é evidente para a maioria dos leitores, mesmo na contemporaneidade. A forma como a complexidade do ser humano é retratada por ele torna o texto literário mais impressionante ao mesmo tempo que desnuda a realidade brasileira do século XIX e trata de mazelas inerentes à condição humana o que torna a obra machadiana atemporal e muito à frente de seu tempo.

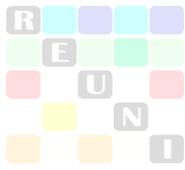
Dessa forma, segundo Pereira (2013, p.56): “A literatura possui um potencial muito grande de humanização e de acordo com que o autor descreve na narrativa irá influenciar os sujeitos coisificados a se humanizar”.

Esse é o legado de um escritor que está acima das convenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do método de pesquisa dedutivo e da pesquisa bibliográfica, que compreende a leitura de obras de Machado de Assis, de seus críticos literários e de artigos científicos, foi possível criar as bases para compreender a engenhosa linguagem machadiana, bem como toda a contextualização histórica de seu tempo.

Assim, no conto Pai contra mãe, Machado se incumbiu de registrar os horrores da sociedade escravagista que aspirava por ideias liberais europeias ao mesmo tempo em que não abria mão do trabalho escravo como bem pontua Schwarz (2000, p.125) “[...] contrabando de



africanos e castigo físico se encaixam a seco no contexto de atitudes e ideias liberais, território inimigo onde causam repulsa por princípio”.

Diferentemente do que costumava, nesse conto, a narrativa soa mais direta e proposital. O narrador machadiano apresenta a escravidão de forma mais brutal. A crítica contida nessa pequena obra-prima soa mais direta do que costumava empregar em seus escritos. Isso nos permite inferir que Machado de Assis não foi um escritor omissos em relação à escravidão, tampouco negou sua ancestralidade.

Sua literatura refinada e bem pensada revela a complexidade de um escritor plural que conseguiu se imortalizar por meio de suas obras, cuja temática é contemporânea por desnudar as contradições inerentes à própria condição humana como a busca incessante pelo poder, o valor que a aparência assume em detrimento da essência, o preconceito, as diferenças sociais e a dissimulação que flerta com a sagacidade do leitor. Esses são temas atuais, tendo em vista a sua universalidade e perpassam o meio social independentemente do período histórico a que se subordinam.

Percebe-se, portanto, que a literatura aqui apresentada vai muito além do entretenimento e os recursos estilísticos de que lança mão nosso escritor corroboram por trazer uma escrita inteligente e bem articulada somente passível de ser compreendida por meio de estudo investigativo dessa envergadura que é a Pesquisa Científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Editora Abril S.A., 2010.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 53 ed. SP: Cultrix, 2021.

DUARTE, de E. A. **Machado de Assis Afrodescendente**. 3 ed. Editora Malê, Rio de Janeiro, 2020.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Ed. Vega, cidade, 1993, tradução: Fernando Cabral Martins.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. Ed. Ática SP, 1998.

SCHWARZ, R. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo**. 3 ed. SP: Editora 34, 1997.